

Proposta de simpósio

Título: Gêneros textuais em foco: experiências junto a discentes e docentes

Resumo do simpósio

Este simpósio tem por objetivo principal apresentar o trabalho com gêneros textuais visando o desenvolvimento dos alunos, mas também dos professores. Para tanto, baseamo-nos no quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo, tal como apresentado por (Bronckart, 1999, 2006, 2008), Machado (2002, 2009), Schneuwly & Dolz (2004), Cristovão (2002, 2008), entre outros. Para o Interacionismo Sociodiscursivo, na mesma linha de Bakhtin/Voloshinov (1977), a comunicação humana se dá por meio de textos, pertencentes a diferentes gêneros textuais, tão maleáveis e numerosos quanto as variadas atividades humanas. Sendo assim, o ensino de gêneros textuais passa a ser um dos objetivos da educação que quer preparar alunos para agir por meio da linguagem nas diferentes esferas sociais. Em consequência, várias pesquisas sobre gêneros textuais têm sido realizadas, no exterior (Schneuwly & Dolz, 2004; Dolz, Gagnon, Toulou, 2008) e no Brasil (Meurer & Motta-Roth, 2002; Cristovão, 2002, 2008; Machado, Abreu-Tardelli e Lousada (2004a, 2004b, 2005, 2007; Marcuschi, 2008; Nascimento, 2009; Damianovic, 2007; Vasconcelos, 2003; Marcuschi & Xavier, 2005), com o objetivo de refletir sobre a questão dos gêneros textuais e sobre como ensiná-los a alunos desde o ensino fundamental até a universidade. Mais recentemente, pesquisadores do Grupo ALTER-CNPq têm se interessado pela questão da apropriação do trabalho com gêneros pelos os professores e visando o seu desenvolvimento. Na verdade, segundo a perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo que adotamos (Bronckart, 1999, 2006, 2008; Machado, 2009), os gêneros textuais podem ser vistos como artefatos disponíveis na sociedade, inclusive na esfera escolar, podendo ser apropriados pelos alunos, mas também pelos professores, tornando-se um instrumento para seu trabalho e contribuindo para seu desenvolvimento, tanto pessoal quanto profissional. Para atingir esse objetivo, apresentaremos os conceitos teóricos que embasam o trabalho com gêneros, tais como: a questão da linguagem como instrumento de ação no mundo (Bronckart, 1999), a questão do artefato e do instrumento (Machado, 2009; Schneuwly, 1994), as condições de produção textual (Bronckart, 1999), os diferentes níveis de análise dos textos (Bronckart, 1999), o desenvolvimento de capacidades de linguagem (Schneuwly & Dolz, 2004), as seqüências didáticas como elementos planificadores das atividades a serem desenvolvidas com gêneros (Schneuwly & Dolz, 2004), a importância do modelo didático de gêneros (Machado, 2009), a questão da escolha dos gêneros a serem ensinados, ou do currículo baseado em gêneros, entre outros. Além disso, apresentaremos também o modelo do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999, 2006, 2008), para a análise da “arquitetura textual”, na qual, após ter estudado o contexto de produção

dos textos, observa-se as três camadas do folhado textual: plano global, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos. As comunicações do simpósio partem das mesmas teorias de base e apresentarão experiências didáticas com gêneros textuais em contextos diferentes, focalizando ora o desenvolvimento do aluno, ora o desenvolvimento do professor, a partir deste mesmo quadro teórico-metodológico. Assim, serão abordados a questão do gênero enquanto instrumento para desenvolvimento do professor (Machado, 2009; Schneuwly, 1994), a importância da elaboração do modelo didático (Dolz, Schneuwly & de Pietro, 2004), um curso de formação para a elaboração de sequências didáticas e também uma experiência de ensino de gêneros textuais em nível universitário. (508)

1. Gêneros: instrumentos para o desenvolvimento dos professores

Eliane G. Lousada – USP-FFLCH-DLM

O objetivo desta comunicação é apresentar e discutir a questão dos gêneros textuais como instrumentos para o desenvolvimento dos alunos, mas também para o desenvolvimento pessoal e profissional do professor. Nessa perspectiva, os gêneros podem ser vistos como instrumentos que possibilitam o desenvolvimento profissional dos docentes e, a partir desse desenvolvimento, contribuem para a evolução do próprio “métier” de professor. Para atingirmos esse objetivo, esta apresentação partirá dos pressupostos teóricos que embasam nossa pesquisa, a saber: os conceitos do interacionismo sociodiscursivo sobre a questão do ensino-aprendizagem de gêneros textuais, e, mais recentemente, sobre as reflexões ligadas ao trabalho educacional; as pesquisas propostas pelo Grupo LAF (Bronckart, 1999, 2006, 2008), pela Ergonomia da Atividade representada pelo Grupo ERGAPE (Amigues, 2002, 2004; Saujat, 2004) e pela Clínica da Atividade (Clot, 1999; Faïta, 2004) sobre trabalho, trabalho docente, distinção entre artefato e instrumento (Rabardel, 1995) e sobre suas implicações para o desenvolvimento humano e dos diferentes “métiers”; e, finalmente, as próprias reflexões do grupo de pesquisa ao qual pertencemos (Grupo Alter-Cnpq) e do conjunto de pesquisas desenvolvidas pelos membros do grupo. Corrente do interacionismo social, o interacionismo sociodiscursivo reserva um papel essencial para a atividade de linguagem no mundo social e para a construção de uma ciência do humano (Bronckart, 2006). Nesse sentido, a tese central do ISD é a de que a realização da ação de linguagem se dá por meio de textos (Bronckart, 2006: 139). O texto seria, assim, o correspondente empírico/linguístico de uma ação de linguagem, uma unidade comunicativa global. Os textos, por sua vez, organizam-se em gêneros, que são o produto de escolhas relativas à seleção e à combinação dos mecanismos estruturantes, das operações cognitivas e de suas modalidades de realização linguística (Bronckart, 2006: 144). Inúmeras são as pesquisas que tomam os gêneros textuais como objeto de estudo, tanto do ponto de vista da descrição de suas características, quanto do ponto de vista do ensino-aprendizagem da língua materna e/ou estrangeira. Dentre elas, podemos citar, pertencendo à abordagem do ISD, os estudos de Schneuwly & Dolz (2004) na Unidade de Didática das Línguas da Universidade de

Genebra, quanto, no Brasil, os trabalhos de Machado (2002), Machado, Abreu-Tardelli & Lousada (2004^a, 2004b, 2007, 2008), Cristóvão (2002, 2008), Lousada (2002, 2007), Damianovic (2007), Nascimento (2009), entre outros. Em outras abordagens, temos os trabalhos de Meurer e Motta-Roth (2002), Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005), Bazerman (2007), Marcuschi e Xavier (2005), entre outros. No entanto, a maioria das pesquisas e das prescrições educacionais realizadas no Brasil tem focalizado, sobretudo, a produção textual a partir da noção de gênero, abordando também, em alguns casos, a questão do gênero enquanto instrumento para o aluno, visando o desenvolvimento das capacidades de linguagem. Como já apontamos, interessa-nos, nesta comunicação, apresentar a ideia de que “o gênero é um instrumento (ou megainstrumento)”, estabelecida por Schneuwly (1994), a partir de sua compreensão da noção de gêneros discursivos de Bakhtin, mas em uma releitura a partir da psicologia vigotskiana. Assim, propomo-nos a mostrar que a ideia do gênero como um megainstrumento para o desenvolvimento pode ser vista, também, em relação ao desenvolvimento do professor e de seu “métier” (Machado e Guimarães, 2009). Para tanto, após apresentarmos o quadro teórico no qual nos embasamos, discutiremos a noção de gêneros textuais enquanto artefatos e também enquanto instrumentos, como coloca Rabardel (1995), e faremos uma reflexão sobre o papel dos gêneros textuais enquanto instrumentos para o desenvolvimento profissional do professor. (566)

2. A importância da elaboração do modelo didático para o trabalho com gêneros

Siderlene Muniz Oliveira – doutoranda PUC-SP

Temos, como objetivo, nesta comunicação, discutir a importância da elaboração de modelos didáticos (de Pietro et al., 1997) para o ensino-aprendizagem de gêneros textuais. Para tanto, serão apresentados modelos didáticos de alguns gêneros textuais elaborados por professores-participantes em um curso de extensão universitária realizado na cidade de São Paulo, curso esse que oferece subsídios, através de discussão de textos teóricos e de atividades práticas, que visam preparar os professores-participantes para elaborarem sequências didáticas próprias. O programa desse curso, elaborado por professores que fazem parte do grupo ALTER-LAEL/PUC, é baseado nos pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999, 2006, 2008; Machado, 2009), que considera que a comunicação humana se materializa em textos, pertencentes a diferentes gêneros, extremamente variáveis e maleáveis. Nessa abordagem, os gêneros de texto são considerados artefatos simbólicos que estão à disposição dos sujeitos numa sociedade, mas só poderão ser considerados ferramentas/instrumentos para o agir quando os sujeitos se apropriam deles, tornando-os úteis para o agir com a linguagem (Machado & Cristóvão, 2006). De acordo com essa base teórica, o ensino de gêneros textuais pode possibilitar o desenvolvimento de capacidades de linguagem dos alunos (Dolz, Pasquier & Bronckart, 1993; Dolz & Schneuwly, 1998; Machado, 2001), que são divididas, para questões didáticas, em três tipos: capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas. O primeiro tipo

envolve operações de mobilização de representação sobre o contexto físico e socio subjetivo e de outros conhecimentos que podem ser mobilizados na produção do texto na qual se desenvolve uma ação de linguagem. O segundo tipo implica as operações de gerenciamento da infraestrutura geral do texto (plano global, tipos de discurso, sequências que eventualmente possam aparecer). Por sua vez, o terceiro tipo implica as operações relacionadas ao domínio da coesão textual, conexão, gerenciamento de vozes e estabelecimento de posicionamento nos enunciados. Considerando a importância dos gêneros para o desenvolvimento dessas capacidades de linguagem, o ensino-aprendizagem de gêneros de textos na educação nos diferentes níveis de ensino, do fundamental ao superior, é uma forma de preparar os alunos para agir por meio da linguagem nas diferentes esferas sociais. Assim, acreditamos que devemos ensinar gêneros no contexto de ensino de línguas, tanto materna quanto estrangeira (Abreu-Tardelli, 2007, Lousada, 2007; Lousada & Damianovic, 2007; Souza, 2002; Cristóvão, 2002), já que adotamos o conceito de gênero como ferramenta que possibilita o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos. No curso citado no início desta comunicação, os professores-participantes escolheram os gêneros considerando o seu contexto de ensino, principalmente em relação à série de seus alunos e às suas preferências para o trabalho em sala de aula. A partir dessa escolha, foi feita uma pesquisa de vários textos para representar o gênero em questão e posterior elaboração do modelo didático, que podemos considerar o levantamento das características linguístico-discursivas do gênero. Esse processo é essencial para que o professor possa se familiarizar com o gênero e com suas características a partir do qual é possível a elaboração de sequências didáticas que possibilitem o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos (de Pietro et al., 1997). Os resultados no curso foram positivos, mas indica a necessidade de algumas reflexões em relação à forma como alguns conteúdos do programa estão sendo abordados visando a um melhor processo de ensino-aprendizagem dos professores-participantes. (537)

3. Uma experiência de curso de formação de professores para o trabalho com gêneros

Ermelinda Barricelli – doutoranda PUC-SP

O objetivo desta apresentação é discutir uma experiência de formação de professores em um curso de extensão universitária para o ensino de gêneros textuais realizado na cidade de São Paulo. Os participantes do curso têm, essencialmente, formação em letras e atuam como professores de português, e, em menor quantidade, como professores de língua estrangeira (acho que é bem diferente disso). Os professores são oriundos de diversas entidades educacionais, como da rede pública municipal ou estadual, da rede particular, de associações educacionais, e outros. O curso recebe, ainda, coordenadores e diretores de escola, também de diferentes segmentos, e profissionais que atuam em editoras. Esse curso foi desenvolvido em XXX (a partir de 2002) pela equipe de pesquisadores do Grupo ALTER-CNPq (Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas relações), que tinha a preocupação de viabilizar a utilização dos gêneros textuais em sala de aula, ou seja,

realizar a transposição da teoria para a prática cotidiana dos professores. Desde então, o curso vem se aperfeiçoando e estrutura-se em três eixos, didaticamente separados, mas simultaneamente desenvolvidos: discussões teóricas, contanto com experiências bem sucedidas (acho que nem sempre são bem sucedidas, também criticamos material) de elaboração de modelo didático e sequência didática, e, por fim, elaboração do seu próprio material. Em primeiro lugar, os professores-participantes se familiarizam com os pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1997; 2006; 2008), a partir do qual os gêneros se constituem ao mesmo tempo como unidade de ensino e como instrumento para o desenvolvimento de capacidades de linguagem dos alunos (Schneuwly & Dolz, 2004; Bronckart, 1997; Dolz, Pasquier & Bronckart, 1993; Dolz & Schneuwly, 1998; Machado, 2002; 2009). A saber, (a) capacidades de ação, ligadas ao reconhecimento dos parâmetros que envolvem o contexto de produção; (b) capacidades discursivas, que envolvem a noção de organização textual (plano global, tipos de discurso, seqüências e outras formas de organização do texto), e (c) capacidades lingüístico-discursivas, relacionadas aos aspectos lingüístico-discursivos, como coesão verbal, coesão nominal, conexão, modalização e gerenciamento de vozes. Em seguida, discutem e conhecem experiências de outros professores e/ou pesquisadores que elaboraram modelos didáticos e seqüências didáticas nos mais diversos gêneros escritos e orais, e, também, em língua materna ou língua estrangeira (Lousada, 2002, 2007; Abreu-Tardelli, 2007; Cristóvão, 2002; Souza, 2004; e outros), como, por exemplo: gênero jornalístico, resenha, chat educacional, quarta-capa, canção literária, texto publicitário, artigo de opinião, editorial, debate, e muitos outros. Finalmente, os participantes podem elaborar o modelo didático do gênero escolhido e sua própria seqüência didática. O modelo didático permite que as características principais de um determinado gênero sejam conhecidas, o que permite a elaboração da seqüência didática, que se caracteriza como um conjunto de exercícios e de atividades elaboradas em torno de um objetivo de ensino. Por meio do desenvolvimento das capacidades de linguagem, desenvolvidas na elaboração da seqüência didática, os professores-participantes são instrumentalizados, de forma teórica e empírica, para a utilização de gêneros textuais, não só os estudados no curso, mas outros gêneros também. Dessa forma, o ensino dos gêneros textuais transforma-se de artefato externo – não apropriado – em instrumento interno – apropriado. Para ilustrar nossa discussão, serão apresentados, nesta exposição, exemplos de seqüências didáticas desenvolvidas pelos professores-participantes nos cursos realizados nos anos de 2009 e 2010.

4. A carta do leitor como gênero midiático

Esta comunicação tem por objetivo apresentar a análise de duas produções textuais relativas ao gênero “carta do leitor”, trabalho este desenvolvido por alunos do curso de Letras na disciplina de Produção e Revisão de Textos em Língua Portuguesa na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Para fundamentarmos o trabalho proposto, adotamos a corrente teórica-metodológica proveniente do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD) proposta pela escola de Genebra e cujos expoentes são Bronckart (2007) e Schnewly e Dolz (2004), uma vez que, nessa perspectiva, a linguagem é considerada de seu ponto de vista social contribuindo para o desenvolvimento. Defende-se, nesta corrente, que os seres humanos agem em diversos contextos sociais através da linguagem. Para que este agir seja legitimado, certas regras devem ser respeitadas nos determinados contextos. Tais regras são aprendidas sociohistoricamente e não se referem apenas ao comportamento social das pessoas, mas também aos procedimentos de organização textual de seus enunciados e às suas escolhas lingüísticas, de acordo com a intenção comunicativa a ser desenvolvida dentro de uma dada esfera social. Os pressupostos teóricos do ISD estão associados tanto ao trabalho textual quanto à noção de gêneros discursivos tal como proposta por Bakhtin (1953/2006). Como mencionado por Bakhtin (2006) e retomado por Bronckart (2007), cada esfera da atividade humana elabora, em sua comunicação, tipos estáveis e diversificados de enunciados: os gêneros discursivos ou textuais. Considerados formas estáveis de enunciados, os gêneros são instrumentos (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004) que possibilitam a comunicação em situações habituais, estabilizando os elementos formais das práticas de linguagem. É neste contexto que os gêneros discursivos ou textuais se constituem como ferramentas sócio-discursivas que nos auxiliam a agir no mundo e a descrevê-lo, constituindo-o de alguma forma. Para que um trabalho possa ser desenvolvido sob a ótica dos gêneros, faz-se necessária a adoção de uma teoria de análise textual que leve em conta as diferentes camadas do texto, definidas por Bronckart (1997/2007) como estratos do folhado textual. Este folhado constitui-se de três camadas superpostas em contínua interação que são: a infra-estrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Quem determina os níveis deste folhado textual é o contexto de produção, que segundo Bronckart (2007:93), “pode ser definido como o conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado”. Quando analisamos o contexto de produção de um texto e buscamos nos adequar a ele na produção de um determinado gênero textual, estamos mobilizando as capacidades da linguagem (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004). Trabalhar com gêneros requer, também, conhecer as formas assumidas por tais instrumentos no “corpo” do texto bem como escolher e selecionar elementos pertinentes ao seu ensino. Isso implica numa análise minuciosa das características comuns existentes nestes gêneros, elaborando o que De Pietro (1996/1997) nomeia de modelo didático de gênero. Para integrar todas estas ferramentas na produção textual, Schnewly e Dolz (2004:97) propuseram o conceito de seqüências didáticas definidas como “um conjunto de atividades escolares organizado de maneira sistemática em torno de um gênero textual oral ou escrito”. São estas atividades previstas para um grupo de alunos específicos que auxiliam o ensino de determinado gênero, privilegiando o desenvolvimento dos três grandes tipos de capacidades de linguagem já descritos anteriormente e necessários à leitura e/ou produção de textos. Dessa

forma, efetuaremos a análise de duas produções textuais (uma relativa à primeira produção sem conhecimento prévio sobre o gênero em questão) e outra após termos trabalhado o gênero “carta do leitor” seguindo os parâmetros teórico-metodológicos do ISD, atentando para os possíveis progressos efetuados na aprendizagem e desenvolvimento do gênero “carta do leitor” por parte dos alunos. (592)